

A FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE PRÁTICA LEITORA A PARTIR DA TEORIA DA RECEPÇÃO

Deisi Luzia Zanatta¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a formação do leitor no Ensino Fundamental e apresentar uma proposta de prática leitora a partir do conto de fadas *A Bela Adormecida*, dos Irmãos Grimm, o filme *Maleficent* e a narrativa contemporânea, *Menina Veneno*, de Carina Rissi. A reflexão se preocupa em resgatar os postulados da Teoria da Recepção e da Estética da Recepção a fim de evidenciar a importância da leitura na escola, espaço de formação crítica dos sujeitos. A pesquisa evidenciou que a leitura da literatura é primordial para a compreensão de si e do mundo.

Palavras-chave: Leitura. Ensino Fundamental. Formação do Leitor.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the reader's formation in Elementary School and propose a practical reader from the fairy tale *Sleeping Beauty*, by the Brothers Grimm, the film *Maleficent* and contemporary narrative, *Poison Girl*, by Carina Rissi. The reflection is concerned to rescue the postulates of the Theory of Reception Aesthetics and Reception in order to highlight the importance of reading in school, space critical training subjects. The research showed that the reading of the literature is essential to understand themselves and the world.

Keywords: Reading. Elementary School. Training Reader.

INTRODUÇÃO

A formação de leitores é um assunto que tem angariado estudos por parte de muitos estudiosos ao longo do tempo. Ora porque as últimas pesquisas apontam um déficit na leitura, ora porque as transformações tecnológicas redimensionam os modos

¹ Docente no Instituto Educacional Santa Catarina – Faculdade Jangada, de Jaraguá do Sul/SC. Graduada em Letras e especialista em Língua e Cultura Inglesa pela URI – FW. Mestra e Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

de ler. Com isso, a escola se torna um espaço em que a leitura deve ser cada mais incentivada e mediada, pois é nesse lugar tão importante para a sociedade que os sujeitos podem se tornar agentes de transformações.

Neste trabalho, busco refletir sobre a formação do leitor no Ensino Fundamental e apresentar uma proposta de prática leitora com o texto literário. Tal estudo se justifica sobre a questão de que, durante muito tempo, o leitor não era considerado agente ativo do texto. Após o advento da Sociologia da Arte, Estética da Recepção e Teoria da Recepção, o leitor passou por uma nova roupagem, sendo considerado o principal elemento no processo de leitura.

Diante desse contexto, levando em consideração que a linguagem é composição fundamental da literatura e da cultura, conseqüentemente, componente imprescindível nas práticas leitoras conduzo uma breve reflexão sobre a Teoria da Recepção, conforme Iser (1999a, 1999b); os postulados de Jauss (1989) sobre a Estética da recepção e as considerações de outros estudiosos que também consideram o leitor como participante primordial da leitura: Candido (2000), Chartier (1998, 2016) e Zilberman (1982).

Para obter o objetivo proposto, o presente trabalho está assim estruturado: em primeiro realizo uma abordagem teórica sobre a inserção do leitor no processo de recepção de obras; em seguida apresento uma proposta de prática leitora a partir do conto *A Bela Adormecida*, dos Irmãos Grimm, o filme *Maleficent* e a história contemporânea, *Menina Veneno*, de Carina Rissi relacionando com a teoria que embasa essa pesquisa. Por fim, as considerações finais.

ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE A RECEPÇÃO

A inserção do leitor como participante ativo do processo literário só foi, evidentemente, considerada a partir da segunda metade do século XX, quando emergia as vertentes teóricas oriundas da Alemanha sobre a Sociologia da Arte, da qual Arnould Hauser é um dos representantes, a Estética da Recepção, proposta por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser com a Teoria da Recepção, que fundamenta suas bases na própria crítica literária alemã. No Brasil, em meados de 1960, Antonio Candido já enunciava a relevância da ligação entre autor, obra e público. Nas palavras desse estudioso: “A

literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, 2000, p. 68).

Diante dessas questões, as relações entre texto e leitor têm merecido a atenção dos teóricos de literatura, e é essa interação que constitui o princípio-base da Estética da Recepção, uma teoria nascida na Alemanha no final da década de 1960. Um dos pontos centrais da Estética da Recepção consiste em compreender de que maneira e sob que condições efetua-se a recepção de um texto como obra de arte. Entende-se, aqui, o termo *recepção* como a maneira pela qual uma obra é recebida pelo público a partir de sua publicação e ao longo da história. Dessa forma, o leitor passa a ser considerado parte ativa do processo de formação da história literária.

Nas perspectivas de tais abordagens teóricas, o leitor é o sujeito que lê à sua maneira, levando em consideração seu espaço social e cultural, ao mesmo tempo que carrega consigo bagagens históricas. Independentemente da prática coletiva ou individual, dos gostos e interesses, da leitura no impresso ou digital, os estudos sobre a recepção conferem importância ao receptor e às satisfações das práticas leitoras. Com isso, conforme Zilberman: “[...] o ato de ler, em decorrência de sua natureza, se reveste de uma aptidão cognitiva, esta não se complementa sem o texto que demanda seu exercício.” (ZILBERMAN, 1982, p. 17).

Nos dois volumes da obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, Wolfgang Iser (1999) se aprofunda em uma discussão fenomenológica sobre a interação entre a obra e o seu receptor. Conforme Iser, o estudo de uma obra literária não pode ser considerado apenas em relação à estrutura do texto, mas também pelos atos de sua recepção. Para o teórico, há a recepção e o efeito. A recepção é a assimilação documentada de textos e é por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Já o efeito do texto é a “prefiguração da recepção”, tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto. Nesse sentido, no auge da estética da recepção, efeito e recepção se cruzam fazendo com que a arte vise aos efeitos do texto.

O autor postula que o objeto da obra pode ser produzido, enquanto a própria concretização se torna um ato de concretização. A obra de arte, então, possui o polo artístico e o polo estético. O primeiro designa o texto criado pelo autor e o segundo, a concretização produzida pelo leitor. Assim, a obra literária se realiza no momento em que seu texto converge com o receptor e então, o efeito depende da participação do leitor e não do crítico como mediador.

Segundo Iser, interpretar o significado de uma obra de arte pressupõe entender seu comportamento com a verdade. O teórico ainda enfatiza que é característico dos textos literários que não percam sua capacidade de comunicação depois que seu tempo passou; muitos deles ainda conseguem “falar” mesmo depois que sua “mensagem” se tornou histórica e sua “significação” se trivializou.

A obra adquire seu caráter próprio na leitura, pois a obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor. Para Iser: “Se o texto ficcional existe graças ao efeito que estimula nas nossas leituras, então deveríamos compreender a significação mais como produto de efeitos experimentados, ou seja, de efeitos atualizados do que como ideias que antecedem a obra e se manifesta nela.” (ISER, 1999a, p. 54).

Desta forma, a estrutura dos textos ficcionais evidencia um aspecto duplo: é ela estrutura verbal e afetiva ao mesmo tempo. Então, pode-se dizer que as obras literárias ativam processo de realização de sentido, em que a participação do leitor é fundamental neste processo para que a qualidade estética se concretize nesta realização de sentido, pois “a interpretação evidencia o potencial do sentido proporcionado pelo texto.” (ISER, 1999, p. 54).

Segundo Chartier (1998), a leitura é sempre apropriação, invenção e produção de significados. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Assim, compreendemos que o livro não se concretiza sem o ato da leitura, pois é o leitor que movimenta o texto. Das impressões pessoais às históricas e sociais e vice-versa, o leitor expande a sua leitura na medida em que estabelece relações consigo mesmo e com o meio no qual vive. Logo, “cada leitor é, assim, sucessivamente, um leitor “intensivo e “extensivo”, absorto ou desenvolto, estudioso ou divertido.” (CHARTIER, 2016, p. 291).

O texto literário oferece determinados papéis aos seus possíveis receptores. O leitor está inserido no mundo do texto, por isso seu ponto de vista vai se adequar pela sequência de imagens, coincidindo com o sentido construído. Nesse sentido, apenas a imaginação é capaz de captar o não-dado, de modo que a estrutura textual ao estimular uma sequência de imagens se traduz na consciência receptiva do leitor. As estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor através da imaginação.

O texto ficcional apresenta modalizações da estrutura de tema e do horizonte, o que significa que “a estrutura de tema e horizonte constitui a regra central para a combinação das perspectivas de representação, já que a intenção comunicativa do texto ficcional pode ser captada através dela.” (ISER, 1999b, p. 186). A mudança de perspectiva é em grande parte formulada pelo texto. É por este motivo que

Cada formulação da realidade se insere no horizonte de sua possível mudança, de modo que a constituição social e psicológico das imagens da realidade emerge como o objeto estético desse romance; isso também nos mostra que captamos a realidade sempre através dessas imagens (ISER, 1999b, p. 190).

Segundo Iser o texto possui uma estrutura complexa que dificulta a projeção das múltiplas representações por parte do leitor. Este, por sua vez, precisa abandonar ou reajustar suas representações e então, experimentar algo que ainda não se encontra dentro de seu horizonte. Para que a comunicação seja bem-sucedida é preciso que a atividade do leitor seja de alguma maneira controlada pelo texto.

O texto, por sua vez, forma um sistema de combinações. Neste sistema há um lugar para aquele que deve realizar esta combinação. O lugar sistêmico dá espaço às lacunas que não podem ser preenchidas pelo próprio sistema, mas sim, somente pelo leitor. Estas lacunas regulam a formação das representações do leitor, atividade agora empregada sob as condições que o texto estabelece. Porém, neste sistema há outro lugar marcado por várias negações, no qual o texto e o leitor convergem no momento da leitura. As lacunas ocultam as relações entre as perspectivas de apresentação do texto e assim incorporam o leitor ao texto para que ele coordene as perspectivas. Assim, os lugares vazios propiciam que o leitor aja dentro do texto e tenha sua atividade controlada pelo texto. Iser também afirma que o leitor se situa por si só em relação ao

texto e a assimetria entre texto e leitor estimula a atividade de constituição que recebe uma determinada estrutura devido às lacunas e às negações do texto, ajustando o processo interativo.

Segundo Zilberman (1989) Jauss conceitua o leitor, baseando-se em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto de códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas, e a da emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade:

A liberação pela experiência estética pode se realizar em três planos: a consciência produtora cria um mundo com sua própria obra; a consciência receptora compreende a possibilidade de renovar sua percepção de mundo; enfim – aqui a experiência subjetiva abre-se à experiência intersubjetiva – a reflexão estética se compromete com o julgamento exigido pela obra, ou identifica-se às normas de ação, esboçadas ou a serem definidas. (Jauss apud Zilbermann, 1989).

Conforme Jauss (1989), a obra de arte tem função social. No contato com o texto, o sujeito rompe com seu individualismo e confronta-se com o outro; assim, a obra amplia os horizontes do leitor, emancipando-o. Com isso, Jauss (1989) divide a experiência estética em três categorias de fruição: *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*, cuja concretização depende da participação e interação do leitor com a obra.

A *Poiesis* corresponde ao prazer, sendo compreendida no sentido aristotélico de “faculdade poética”; ela é produto da experiência do homem; é o prazer sentido pelo criador da obra ou pelo receptor que, em contato com ela, a recria. A *Aisthesis*, por sua vez, designa o prazer estético da percepção reconhecedora e do reconhecimento perceptivo, explicado por Aristóteles pela dupla razão do prazer ante o imitado; ela compreende a recepção prazerosa do objeto estético. Por último, a *Katharsis* constitui o prazer provocado pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique. É na *katharsis* que se encontra a função social da arte, a de emancipação, entendida por Zilberman (1989) que uma obra inovadora ao desafiar um código vigente, oferece ao seu leitor novas dimensões existenciais. Por meio disso, libera esse leitor das presilhas cotidianas e da dominação do sistema vigente.

Com isso, as considerações sobre a obra e o receptor se tornam relevantes quando o assunto é a formação de leitores, pois

O fato revela o vínculo íntimo e umbelical que toda ação de ler estabelece não somente com o mundo dos objetos, mas principalmente com a linguagem. Emergindo esta da interação entre o ser humano e a realidade, sua existência não pode ser compreendida sem o ato de leitura, posto que é ele que está no bojo de um tal intercâmbio. Por sua vez, assistindo-se aí o nascimento da linguagem, verifica-se também que falar e ler a realidade implicam uma manifestação primordialmente verbal, de modo que, dentre as possibilidades de expressão, a língua é a que contém de maneira mais completa o produto destes contatos primordiais com o real (ZILBERMAN, 1982, p. 18)

Assim, as concepções teóricas adotadas nesse trabalho partem do pressuposto de que a obra, enquanto literária, não existe até ser ativada pelo leitor. A obra é mais do que o texto; por isso, é só na concretização que ela se realiza. E a concretização é o processo que determina a atividade do leitor de preenchimento das lacunas ou vazios de um texto, caracterizando o processo de comunicação próprio à literatura.

Embora no currículo do Ensino Fundamental não conste uma disciplina específica de Literatura, não significa que não deva ser trabalhada durante as aulas de Língua Portuguesa. Ao contrário, o estímulo à leitura não só emancipa o leitor, mas também o auxilia em questões linguísticas. Diante disso, a seguir, apresento o *corpus* desse trabalho, a leitura do conto de fadas *A Bela Adormecida* dialogando com o filme *Maleficent* e a narrativa contemporânea, *Menina Veneno*, de Carina Rissi e proponho uma prática de leitura desses textos com base na Teoria da Recepção.

APRESENTANDO AS HISTÓRIAS: A BELA ADORMECIDA, MALEFICENT E MENINA VENENO

Os contos de fadas foram e ainda são, de uma certa forma, um importante viés entre criança a leitura da literatura. É inegável a importância dessas histórias, pois auxiliam ao leitor compreender, através da fantasia, o que acontece no meio em que

vive, como se estabelecem as relações entre as pessoas, ou seja, a produzir significados para seus questionamentos interiores. Na contemporaneidade, tais histórias passam por uma nova roupagem seja através de adaptações cinematográficas, seja em obras publicadas recentemente. Esses contos, tradicionais, ou atuais, então, estabelecem uma forma de comunicação com o receptor em que

O não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo incentivam o leitor a ocupar as lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e estimulado a imaginar o não dito com o que é significado. [...] Portanto, o processo de comunicação se põe em movimento e se regula não por causa de um código mas mediante a dialética de mostrar e ocultar. O não dito o estimula os atos de constituição, mas ao mesmo tempo essa produtividade é controlada pelo dito e este por sua vez deve se modificar quando por fim vem à luz aquilo que se referia (ISER, 1999b, p. 106).

A Bela Adormecida é um conto clássico e do conhecimento da maioria das pessoas. A versão dos Irmãos Grimm, também escolhida para essa proposta de prática leitora, foi publicada em 1812 na obra *Contos de Grimm*. A história versa sobre um rei e uma rainha que tiveram uma linda filha. Das treze fadas do reino, somente doze foram convidadas, pois havia apenas doze pratos de ouro. A décima terceira feiticeira, magoada pelo ato do rei, foi até a criança e lhe rogou uma maldição, cujo resultado seria a morte pelo picar do dedo numa roca de fiar quando a princesa atingisse a idade adulta. Porém, ainda restava o presente da décima segunda fada, que havia chegado atrasada. Assim sendo, esta suavizou o feitiço, transformando a maldição da fada malvada num sono profundo de cem anos, até ao dia em que seria despertada por um beijo proveniente de um amor verdadeiro.

O rei decretou que todos os fusos do reino fossem destruídos, mas ao completar dezesseis anos, a princesa descobriu uma sala secreta na torre do castelo onde encontrou uma velha a fiar. Curiosa, pediu à senhora para a deixar fiar e, então, o feitiço se concretizou. Com o passar do tempo, na entrada do palácio, cresceu uma espinheira, isolando-o do mundo exterior e dando uma morte dolorosa por uma picada em espinhos, a quem tentasse entrar. Assim, muitos príncipes morreram em busca da tal Bela Adormecida, cuja beleza era tão falada nas redondezas. Passados cem anos, um príncipe enfrentou os espinhos, entrou no castelo e com um beijo, despertou a princesa

adormecida. Os dois se casaram, tiveram dois filhos, Aurora e Dia, e viveram felizes para sempre.

Maleficent veio a público em 2014, produzido pela Walt Disney Pictures e dirigido por Robert Stromberg. Traduzido para o português como *Malévola*, o filme é uma adaptação de *A Bela Adormecida*, mas o foco principal gira em torno de uma história que não foi contada.

Malévola é a fada mais poderosa do mundo dos Mors, um brejo mágico. Este mundo é habitado por criaturas estranhas e mágicas, que vivem em harmonia e tranquilidade. Não muito distante dali, há o reino dos humanos, pessoas ambiciosas que sempre invejaram a riqueza do brejo mágico. Um certo dia, a protagonista conhece Stefan, um menino camponês que vive com os humanos. Ambos se apaixonam e aos dezesseis anos da fada, ela recebe do menino um beijo de amor verdadeiro. Porém, o amor de Stefan por Malévola é suprimido pela vontade de ser rei.

Depois que Malévola derrota o reino humano numa batalha, o rei promete a coroa e a mão de sua filha ao homem que matar a fada. Com isso, Stefan volta ao mundo Mor, entorpece Malévola, mas sem coragem para matá-la, corta suas asas com uma corrente de ferro. Stefan leva as asas para o rei como prova de que Malévola estaria morta.

Dominada pela dor de ter sido traída por Stefan e por ter perdido suas asas, Malévola constrói um mundo de escuridão no reino das fadas. Como confidente e ajudante, ela toma um corvo que nomeia de Diaval. Ao saber do nascimento de Aurora, Malévola vai até o castelo e lança o feitiço sobre a menina, enunciando que aos dezesseis anos, a princesa espetaria seu dedo num fuso de um tear e cairia no sono da morte. A maldição só seria quebrada com um beijo de amor verdadeiro.

O rei ordena que todos os teares sejam queimados e trancafiados no reino e envia Aurora para viver distante dali, num bosque, sob proteção das três fadas madrinhas, que deveriam levar a princesa de volta ao reino um dia após ela completar dezesseis anos. Mas, Malévola acompanha o crescimento da menina e, então, juntas, vão passar por alguns obstáculos, ajudar uma a outra e descobrir que a maldade no mundo pode ser amenizada pela convivência e pela descoberta do amor verdadeiro.

Menina Veneno, de Carina Rissi integra a obra *O livro dos vilões* publicado em 2014 pela Editora Galera. A narrativa apresenta a história de Malvina Neves, uma bela modelo, apaixonada por sua beleza que no fundo, bem no fundo, tem um resquício de bondade em seu coração. A narrativa ora narrada em primeira pessoa por Malvina, ora em terceira pessoa apresenta como essa personagem passou por muitas dificuldades para alcançar seus objetivos. A cena inicial que abre a história apresenta Malvina em um estúdio fotográfico. A voz em primeira pessoa inicia um diálogo com o leitor, exaltando a beleza da modelo. A partir daí, a personagem apresenta o espaço onde e com quem vive: em uma cobertura de luxo, em meio a jóias e sapatos Loubottin. Em nenhum momento esconde do receptor o fardo de conviver com a enteada, Bianca Neves.

A convivência pacífica com sua enteada começa a ficar conturbada quando Malvina é trocada numa campanha por Bianca Neves. As coisas começam a piorar ainda mais quando Bianca ultrapassa a estatística de beleza alcançada por Malvina em um aplicativo digital e, ao mesmo tempo se interessa pelo mesmo homem que a madrasta.

Daí por diante, a madrasta fará de tudo para tirar a enteada de seu caminho. Com a ajuda de Abel, seu motorista e Laís, sua assessora, Malvina traçará um plano para dopar Bianca e conduzi-la ao sítio da família no interior de Minas Gerais. Mas um acidente envolvendo o veículo que transportava Bianca fez a jovem desaparecer temporariamente. Malvina procura incessantemente até encontrar a enteada e ao descobrir que Bianca estará em uma festa, a madrasta se disfarça de garçonne e tenta dopar a menina oferecendo-lhe uma deliciosa torta de maçã.

Contudo, um dos sete rapazes que estavam com Bianca na festa comeu a torta em seu lugar, enquanto Bianca escolheu a de amendoim. A partir daí ocorre o desfecho e o leitor perceberá que nem toda madrasta é má e nem toda enteada é boazinha.

Os contos de fadas clássicos ou repaginados auxiliam o leitor a compreender seus anseios, angústias, medos, enfim, a sua existência. Por esse motivo, a possível proposta de prática leitora que conduzo a seguir, a partir do texto *A bela adormecida*, do filme *Maleficent* e da narrativa contemporânea *Menina Veneno* exemplificam que a literatura pode ser um agente de transformação na vida das pessoas.

UMA PROPOSTA DE PRÁTICA LEITORA A PARTIR DA TEORIA DA RECEPÇÃO

A leitura literária enquanto um ato que viabiliza a libertação do leitor compreende ações que vão da parte subjetiva à social, isto é, faz o sujeito compreender a si mesmo e ao mundo. O leitor, com isso, assume o papel de protagonista nessa história, pois sem a sua atuação no processo de leitura, a obra por si só não se concretiza.

Enquanto pessoa histórica e social, o ser humano precisa estar atento aos conhecimentos que acontecem ao seu redor e posicionar-se criticamente diante da leitura que faz do espaço em que vive. O mundo é um complexo cultural de manifestações artísticas produzidas por pessoas que carregam diferentes perspectivas de diversos lugares da sociedade.

Assim, a prática leitora não significa somente decodificar os sinais gráficos dos textos impressos ou digitais, mas implica a compreensão de um contexto determinado, em situações específicas, onde se ampliam as ideias nela contidas. Dentre a variedade de gêneros textuais existentes, a obra literária exerce singularidade na formação do leitor, pois as lacunas existentes no texto devido à linguagem simbólica permitem ao receptor entender suas crises existenciais.

Uma atividade que pode render boas discussões é relacionar o conto original com suas adaptações contemporâneas, o filme e a história retirada da obra *O livro dos vilões*, com o objetivo de traçar um paralelo e comparar essas narrativas quanto à linguagem e ao conteúdo, bem como compreender com que intuito tais histórias passam por modificações apresentando novos personagens, enredos e espaços. Quando se vai além da obra para a música, a pintura ou o cinema, o aluno tende a ter uma atenção maior. Por este motivo, pensa-se em utilizar alguns recursos multimídiais a fim de chamar a atenção, despertar a curiosidade e, com isso, motivar os alunos a refletir, compreender e opinar sobre os temas propostos.

Uma sugestão inicial de trabalho seria apresentar aos alunos várias imagens que ilustrem o conto *A bela adormecida* e questionar os alunos se conhecem essas imagens² e que história representam. Algumas sugestões podem ser as seguintes:

² Fonte das imagens: Maria Tatar.



Edmund Dulac, 1912



Gustave Doré, 1861



Gustave Doré, 1981

Caso nenhum aluno responda é possível induzi-los através das seguintes dicas: “Vocês já ouviram falar de uma criança que foi amaldiçoada ao nascer? Que devido a esse feitiço adormeceu por cem anos até que um príncipe encantado a despertasse?”. Após, essa introdução, instigar que contem as versões que conhecem dessa narrativa e no que isso influenciou em suas vidas. Em seguida, comentar a vida dos compiladores e o contexto de produção do conto; entregar uma cópia da história dos Irmãos Grimm e pedir que os alunos leiam em silêncio para conhecer o vocabulário.

O professor, então, passa a questioná-los sobre a adaptação cinematográfica *Maleficent* e, caso não haja tempo, na aula posterior, apresenta, se não todo, partes do filme e pede que os alunos façam anotações comparativas em relação ao conto original.



Fonte: Adoro cinema

Na sequência, o professor propõe um fórum de discussão sobre as considerações dos alunos em relação ao filme e o professor, com isso, deve mediar os diálogos fazendo suas inferências e chamando a atenção sobre a personalidade dos personagens de ambas as histórias: “Há semelhanças e diferenças no que se refere às características das personagens das duas histórias?” Quais? Por que Malévola se vinga? O que isso representa? Por que ela se arrepende? Na vida real, vocês conhecem ou já viveram situações semelhantes?”. Tais passos na interpretação do texto permite ao leitor construir significados e quem sabe, se identificar com algumas personagens e situações da obra, através de condições que lhe são estranhas. Isso quer dizer que

Só quando o leitor produz na leitura o sentido do texto sob condições que não lhe são familiares, mas sim estranhas, algo se formula nele que traz à luz uma camada de sua personalidade que sua consciência desconhecia. Tal tomada de consciência, no entanto, se realiza através da interação entre texto e o leitor; é por isso que sua análise ganha primazia (ISER, 1999, p. 98).

Nesse sentido, a prática de leitura em sala de aula amplia os horizontes de expectativas do leitor, fazendo com que se emancipe e compreenda o que acontece ao seu redor. Esse caminho se intensifica cada vez mais a partir do momento em que o receptor extrai significados dos contos e os traz para sua vida. Para dar sequência a esse roteiro de leitura, o professor apresenta a narrativa *Menina Veneno*, de Carina Rissi presente na obra *O livro dos vilões* e passa a questionar os alunos se conhecem a obra. Caso não, mencionar que o livro reúne contos de fadas contemporâneos.



Após essa parte introdutória, distribuir uma cópia da história e pedir que os alunos leiam em voz alta. O professor pode sugerir que cada um leia um parágrafo, para a leitura ficar mais dinâmica.

Ao término, pedir que os alunos relatem oralmente suas opiniões sobre a história e os indague sobre as características das personagens e dos espaços onde os

acontecimentos se desenvolvem. A intenção é que os alunos percebam a desmistificação da perfeição que, por muito tempo, eram atributos só das princesas. As novas narrativas apresentam vilãs e princesas repaginadas, seres que enfrentam crises existenciais de todos os tipos, ou seja, os bonzinhos não são sempre bons e os maus, nem sempre malvados. Os leitores, assim, conseguem dar significado ao texto e, ao mesmo tempo, identificar-se com as experiências vividas pelos seres ficcionais. Iser ressalta que “se daí referimos que os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos, isso significa que as condições de atualização do texto se inscrevem na própria construção do texto, que permitem constituir o sentido do texto na consciência receptiva do leitor.” (ISER, 1999a, p. 73).

Como avaliação, o professor propõe que os alunos escolham um dos vilões presentes nas histórias lidas ou no filme assistido e escrevam uma história em primeira pessoa, na qual eles, no papel de protagonistas, sejam os vilões da história. Essa etapa necessitará de pelo menos dois períodos. Ao término da atividade, os alunos devem apresentar a narrativa aos colegas e através de uma votação, escolher a narrativa mais interessante para ser exibida no *Twitter* ou *Facebook*. Cada aluno, ou em duplas, trios, deverá criar um perfil com o nome de cada personagem e inserir o conteúdo da história escolhida pela turma num desses aplicativos. Tais atividades devem promover a formação de leitores e atraí-los não, só, para o mundo da literatura e o prazer de ler, mas também para o engajamento das atividades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito em desenvolver esse trabalho se dá em prol da preocupação em formar leitores na Educação Básica, especialmente, no Ensino Fundamental. Por isso, a apresentação de um roteiro de prática leitora a partir do conto de fadas *A Bela Adormecida*, o filme *Maleficent* e a história *Menina Veneno*, de Carina Rissi, com base na Teoria da Recepção proposta por Wolfgang Iser, visa mostrar que o receptor é parte ativa na construção de significados do texto. A nova roupagem das narrativas contemporâneas adaptadas do conto tradicional, além de evidenciar o leitor como participante ativo no processo de significação do texto, mostra novas características, as

quais, muitas vezes, se encontram na personalidade desses receptores: pessoas com crises existenciais, problemas familiares, profissionais.

A fim de obter o objetivo proposto, a fundamentação teórica escolhida para este trabalho foi uma breve reflexão sobre a Teoria da Recepção, conforme Iser (1999a, 1999b); os postulados de Jauss (1989) sobre a Estética da recepção e as considerações de outros estudiosos que também consideram o leitor como participante primordial da leitura: Candido (2000), Chartier (1998, 2016) e Zilberman (1982).

Portanto, a proposta de prática leitora apresentada nesse trabalho mostra que é possível trabalhar a leitura da literatura no Ensino Fundamental, mesmo que não haja uma disciplina específica para esse assunto. O desenvolvimento de ações que possibilita a formação de leitores na escola se faz relevante para auxiliar os sujeitos na compreensão de si e do mundo e, principalmente, a partir disso, tornarem-se cidadão críticos e emancipados.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. Leitura e ficção (séculos XVIII e XIX). In: RÖSING, Tania, ZILBERMAN, Regina (Org). **Leitura: história e ensino**. 1. ed. Porto Alegre: Edelbra, 2016. p. 281-295.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. A Bela Adormecida. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999a, v.1.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999b, v.2.

MALÉVOLA (MALEFICENT). Direção de Robert Stromberg. Produção de Joe Roth. Roteiro de Linda Woolverton. EUA: Walt Disney Pictures, 2014. (97 min).

RISSI, Carina. Menina Veneno. In: ZIEGESAR, Cecily Von [et al]. **O livro dos vilões**. Ilust. Rafael Nobre. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 9-22.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção**. São Paulo: Ática, 1989.

Artigo recebido em 30 abr. 2016

Artigo aceito em 22 jul. 2016